



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO PSICOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**LEONARA VITÓRIA BRITO OLIVEIRA**

**AVALIAÇÃO DA AUTOESTIMA DE MULHERES TRABALHADORAS DO SEXO**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

LEONARA VITÓRIA BRITO OLIVEIRA

**AVALIAÇÃO DA AUTOESTIMA DE MULHERES TRABALHADORAS DO SEXO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Psicologia.

**Área de concentração:** Ciências Humanas.

**Linha de Pesquisa:** Técnicas de Processamento Estatístico, Matemático e Computacional em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. José Andrade Costa Filho.

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48a Oliveira, Leonara Vitoria Brito.  
Avaliação da autoestima de mulheres trabalhadoras do sexo [manuscrito] / Leonara Vitoria Brito Oliveira. - 2023.  
24 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. José Andrade Costa Filho, Departamento de Psicologia - CCBS. "

1. Prostituição. 2. Escala de Autoestima de Rosenberg. 3. Trabalhadoras do sexo. I. Título

21. ed. CDD 306.74

LEONARA VITÓRIA BRITO OLIVEIRA

AVALIAÇÃO DA AUTOESTIMA DE MULHERES TRABALHADORAS DO SEXO

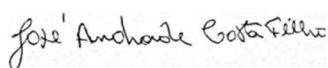
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Psicologia.

**Área de concentração:** Ciências Humanas.

**Linha de Pesquisa:** Técnicas de Processamento Estatístico, Matemático e Computacional em Psicologia.

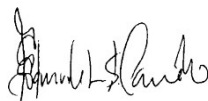
Aprovada em: 24/05/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. José Andrade Costa Filho (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Edwirde Luiz Silva Camêlo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Me. Viviane Alves dos Santos Bezerra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, por me ensinar que a vida faz  
mais sentido quando fazemos o que amamos,  
DEDICO.

“Na prostituição, aprendi a ver que a sociedade tem muitos problemas, e eu não era a errada da história.”

- Lourdes Barreto

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Preço de programa <i>versus</i> idade .....	10
Figura 2 –	Relação entre tempo de trabalho e número de filhos.....	11
Figura 3 –	Relação entre preço do programa, idade e tempo de trabalho.....	12
Figura 4 –	Análise dos níveis de autoestima das trabalhadoras do sexo.....	13
Figura 5 –	Percentuais dos itens da Escala de Autoestima.....	13
Quadro 1 –	Itens da Escala de Autoestima de Rosenberg.....	14

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>10</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>11</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>17</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....</b>	<b>20</b>
	<b>APÊNDICE B – ESCALA DE AUTOESTIMA DE ROSENBERG.....</b>	<b>21</b>
	<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>22</b>
	<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>24</b>



## AVALIAÇÃO DA AUTOESTIMA DE MULHERES TRABALHADORAS DO SEXO

### SELF-ESTEEM EVALUATION OF WOMEN SEX WORKERS

Leonara Vitória Brito Oliveira<sup>1</sup>  
José Andrade Costa Filho<sup>2</sup>

#### RESUMO

Essa pesquisa objetivou analisar o construto da autoestima em um grupo de trabalhadoras do sexo de Campina Grande-PB. É um estudo qualitativo, descritivo e transversal, do qual utilizou-se de uma amostra do tipo intencional e de conveniência. Aplicou-se um questionário sociodemográfico e a Escala de Autoestima de Rosenberg. Os dados foram transcritos e analisados através do *software* R versão 3.5.2. Participaram da pesquisa 27 trabalhadoras do sexo, com idades variando entre 18 e 58 anos ( $M_{idade} = 31,9$ ;  $DP = 12,1$ ), em sua maioria se identificaram como pardas (59,3%), seguidamente de brancas (18,5%) e pretas (18,5%) e, majoritariamente são solteiras (70,4%) e heterossexuais (81,5%). Em relação ao tempo de trabalho variaram entre 1 semana e 40 anos de ofício ( $M_{trabalho} = 9,8$ ;  $DP = 10,1$ ). Verificou-se que a média dos escores da autoestima das participantes foi de 21,06 ( $DP = 4,07$ ), sendo este valor considerado baixo. Notou-se que a autoestima das trabalhadoras do sexo é perpassada pelo estigma social diante do exercer da prostituição. Contudo, não se resume apenas a este aspecto, sendo influenciada também por questões mais íntimas como a maternidade, o contexto familiar, a idade, dentre outras variáveis. Sugere-se, a realização de novos estudos que aprofundem cada vez mais a vivência desse público, que analisem, principalmente, a dimensão da autoestima em correlação com os aspectos sociodemográficos dessas mulheres.

**Palavras-chave:** Prostituição; trabalhadoras do sexo; autoestima.

#### ABSTRACT

This research aimed to analyze the construct of self-esteem in a group of sex workers from Campina Grande-PB. It is a qualitative, descriptive and cross-sectional study, which used an intentional and convenience sample. A sociodemographic questionnaire and the Rosenberg Self-Esteem Scale were applied. Data were transcribed and analyzed using the R version 3.5.2 *software*. The participants were 27 sex workers, aged between 18 and 58 years ( $M_{age} = 31.9$ ;  $SD = 12.1$ ), most of whom identified themselves as brown (59.3%), followed by white (18, 5%) and black (18.5%) and mostly single (70.4%) and heterosexual (81.5%). In terms of working time, they varied between 1 week and 40 years of work ( $M_{work} = 9.8$ ;  $SD = 10.1$ ). It was found that the mean self-esteem scores of the participants was 21.06 ( $SD = 4.07$ ), which is considered a low value. It was noted that the self-esteem of sex workers is permeated by the social stigma before the exercise of prostitution. However, it is not just limited to this aspect, it is also influenced by more intimate issues such as motherhood, family context, age, among other variables. It is suggested that new studies be carried out that deepen the experience of this public

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB; leonara.oliveira@aluno.uepb.edu.br

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB; andrade@servidor.uepb.edu.br.

more and more, that analyze, mainly, the dimension of self-esteem in correlation with the sociodemographic aspects of these women.

**Keywords:** Prostitution; sex workers, self-esteem.

## 1 INTRODUÇÃO

Até meados do século XX, a prostituição era compreendida como uma profissão que carregava em si as doenças venéreas. A imagem da prostituta foi atravessada pela indecência física e moral, endossando a influência do contexto cultural, religioso, histórico e moral nessa concepção (ELIAS et al., 2018; RUFINO, LIMA, 2017). Esse contexto histórico da prostituição é refletido até os dias atuais, tendo em vista que, a profissão sequer é reconhecida no Brasil. A Classificação Brasileira de Ocupações - CBO, apenas reconhece a prática como uma ocupação, através do código 519805 (BRASIL, 2002).

A prostituição, na cidade de Campina Grande-PB, aparece como um problema em meados dos anos 20 e início da década de 30, levando em consideração que, fazia-se necessário a transferência daquelas mulheres de “vestes porcas e imundas” para um local mais afastado do centro da cidade (NASCIMENTO, 2007). Soares et al. (2015) apontam que, no tocante ao exercício da profissão é notório uma ambivalência da vivência profissional, pois, ao passo que a profissão fornece uma autonomia e remuneração para as profissionais do sexo, é uma profissão que carrega em si o peso do estigma, que é vivenciado de forma única e subjetiva, acarretando problemas na vida da trabalhadora do sexo.

Compreende-se que a profissão do sexo carrega em si um aspecto negativo no que tange a vivência do bem-estar no contexto da autoestima, visto que, a utilização de termos depreciativos as quais são nomeadas em conjunto com o estigma corroboram para a aplicação de crenças negativas a si mesmas e ao seu trabalho (BENOIT et al., 2017).

A autoestima diz respeito a um conjunto de sentimentos e pensamentos que o indivíduo tem em relação ao seu valor, competência, confiança, adequação e capacidade para enfrentar desafios, repercutindo diretamente em uma atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo (ROSENBERG, 1965). Assim sendo, a autoestima é um componente fundamental para a construção da saúde mental e social do sujeito, dado que é um indicador do ajuste do sujeito dentro da sociedade, pois reflete na relação que é estabelecida, seja ela positiva ou negativa, com as pessoas e com o mundo (ROSENBERG, 1983).

Rosenberg et al. (1995) destacam que os aspectos sociais são de extrema importância no que diz respeito à construção da autoestima que o sujeito introjeta em si, visto que, um membro de um grupo estigmatizado realiza uma tentativa de se comparar com as pessoas, principalmente, entre seu próprio grupo, pois evitam ameaças a sua autoestima, essa hipótese é sustentada, partindo do pressuposto de que existem dois tipos de autoestima: a global e a específica, a primeira sendo correlacionada com o bem-estar psicológico e a segunda com o comportamento em si.

Nessa perspectiva, o estudo de Benoit et al. (2017) demonstra que a autoestima é um conceito complexo para as trabalhadoras do sexo, podendo ser afetada por múltiplas variáveis subjetivas, por situações vividas diariamente e até mesmo pelo percurso e pelas circunstâncias da vida. Ao compreender os aspectos que dizem respeito à construção da autoestima, Felicíssimo et al. (2013) salientam que o estigma internalizado é um componente que influencia a baixa autoestima do sujeito.

Constata-se que as produções científicas que remetem ao construto da autoestima são direcionadas, em sua maior parte, para estudantes universitários, adolescentes, idosos, dentre outros públicos (BANDEIRA, HUTZ, 2010; MEURER et al., 2012; PRETO et al., 2020). Até dado momento, no Brasil, existem poucos estudos que tratem especificadamente dos aspectos da autoestima para as mulheres profissionais do sexo, dentre eles, destaca-se o estudo de Couto

et al. (2020) que adentra no contexto desse público com a perspectiva das representações sociais que permeiam acerca da autoestima.

Observa-se, portanto, que, quanto às vivências das trabalhadoras do sexo dentro da perspectiva do estigma, são altos níveis de estigmas impostos diante do social, principalmente, ao comparar o estigma direcionado a esse público com outras populações marginalizadas (BENOIT et al., 2017). Logo, de acordo com Soares et al. (2015), faz-se imprescindível a possibilidade de uma escuta, respeitando a voz ativa dessas mulheres, tendo em vista que, majoritariamente, as profissionais do sexo são oriundas de uma classe social desfavorecida, ou seja, são mulheres da periferia, com baixa escolaridade e baixo poder aquisitivo.

Portanto, esse trabalho teve como objetivo analisar as características sociodemográficas e a autoestima de um grupo de trabalhadoras do sexo de Campina Grande-PB, sendo dessa maneira, um estudo pioneiro na cidade de Campina Grande-PB.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e transversal, que adotou uma amostra do tipo intencional e de conveniência. Foi realizado com mulheres trabalhadoras do sexo que atuam na Zona de Prostituição de Campina Grande-PB, isto é, nas imediações da Feira Central e nas mediações da Rodoviária Velha da cidade. Esses locais são frequentados por mulheres que moram em outras localidades, como Recife, João Pessoa, Nazaré da Mata, Natal, dentre outras localidades.

As participantes foram contatadas previamente por intermédio do Centro Informativo de Prevenção Mobilização e Aconselhamento aos Profissionais do Sexo de Campina Grande-PB (CIPMAC). Inicialmente foram apresentados os objetivos do estudo e, aquelas que concordaram em participar de forma voluntária, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a assinatura do TCLE, os dados foram coletados na própria Zona de Prostituição de Campina Grande-PB.

Para a coleta de dados, que foi realizada no primeiro semestre de 2023, utilizou-se a Escala de Autoestima de Rosenberg adaptada por Sbicigo et al. (2010), e um questionário sociodemográfico, contendo 10 perguntas fechadas, pretendendo caracterizar as participantes da pesquisa.

A Escala de Autoestima de Rosenberg - EA (1965) foi aplicada como forma de avaliar o constructo da autoestima. O instrumento de Rosenberg adaptado por Sbicigo et al. (2010) é composto por 10 perguntas, que correspondem a conteúdos que remetem a sentimentos positivos em relação a si mesmo e a sentimentos de autodepreciação. Entretanto, diferentemente da metodologia usada por Sbicigo et al. (2010), ao invés de utilizar-se de três itens de Likert, sendo eles, “discordo”, “nem concordo, nem discordo” e “concordo”, utilizou-se dos quatro itens de Likert (concordo totalmente = 4, concordo =3, discordo =2, discordo totalmente = 1) propostos por Hutz e Zanon (2011), visto que, na aplicação teste utilizando os três itens, variando entre “discordo”, “nem concordo, nem discordo” e “concordo” as participantes respondiam a resposta “nem concordo, nem discordo” para quase todas as afirmações, na possível tentativa de não responder o que de fato sentiam diante dessas afirmações.

Os itens negativos da escala foram calculados de forma invertida, sendo eles, o EA2, EA3, EA5 e EA6, dado que, é utilizado uma proposta da EAR como uma escala bifatorial. O escore da Escala pode variar entre 10 e 40, o cálculo é efetuado através da pontuação entre as respostas dadas às 10 afirmações. De acordo com Simonetti (1989) uma autoestima satisfatória é definida com um escore maior ou igual a 30 na Escala de Autoestima de Rosenberg e é insatisfatória quando o escore é menos que 30.

Os dados coletados através do questionário sociodemográfico, da Escala de Autoestima de Rosenberg, foram transcritos e analisados no *software* R versão 3.5.2. A presente pesquisa foi submetida à aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB,

conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da Resolução 466/2012, por se tratar de uma pesquisa com seres humanos e foi aprovada através do número 5.847.777/2023, garantindo às participantes da pesquisa o sigilo e o condicionamento ético dos pesquisadores proposto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Salienta-se que essa pesquisa foi realizada com apoio do PIBIC/CNPq-UEPB, através da cota 2022/2023.

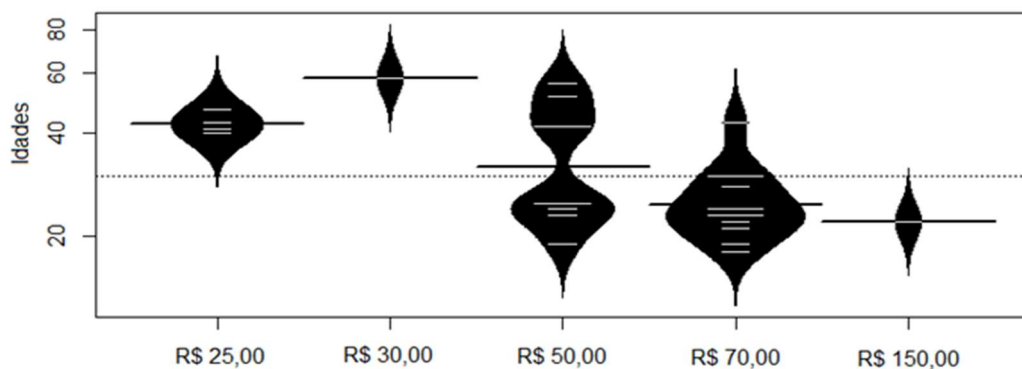
### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra dessa pesquisa foi composta por 27 mulheres trabalhadoras do sexo, que trabalhavam na Zona de Prostituição de Campina Grande, no estado da Paraíba, essa Zona é constituída tanto pela Feira Central quanto pela Rodoviária Velha da cidade. As idades das participantes variaram entre 18 e 58 anos ( $M_{idade} = 31,9$ ;  $DP = 12,1$ ), em sua maioria se identificaram como pardas (59,3%), seguidamente de brancas (18,5%) e pretas (18,5%) e, em sua maioria são solteiras (70,4%), heterossexuais (81,5%) seguidas de bissexuais (11,4%). As participantes se declaram como católicas (51,9%) ou não possuem uma religião (33,3%). E o número de filhos variou entre 0 até 7 filhos.

Notou-se que cerca de 74,1% dessas mulheres possuem uma renda pessoal de até 1 salário-mínimo, o que pode estar relacionado à escolaridade, pois, apenas 14,8 % chegaram a concluir o ensino médio, onde em sua maioria, isto é 48,1%, possuem o ensino fundamental incompleto. Em relação ao tempo de ofício variaram entre 1 semana e 40 anos ( $M_{trabalho} = 9,8$ ;  $DP = 10,1$ ).

É possível compreender que, dentro da amostra de mulheres profissionais, a idade demonstrou ser um fator importante no que diz respeito ao estabelecimento do preço do programa, dado que, assim como pode ser visualizado na Figura 1, quanto mais jovem, isto é, entre 18 anos e 30 anos, mais alto é o preço do programa. Observa-se também, que no que tange as profissionais do sexo acima de 40 anos, o preço do programa fica em torno de R\$ 25,00.

**Figura 1** – Preço do programa *versus* idade



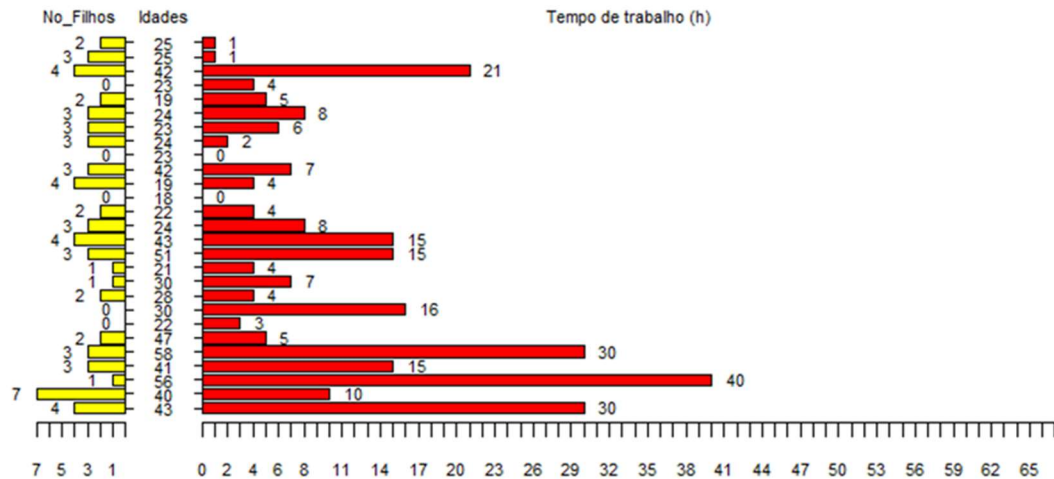
Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Portanto, no que diz respeito ao contexto da longevidade, a figura da prostituta adere a uma representação de interseccionalidade da invisibilidade, afinal, é praticamente impossível, dentro do imaginário social, uma mulher idosa ser prostituta e ativa, e isso, pode se configurar como uma justificativa do programa ser mais barato as mulheres mais velhas. Corroboramos essa hipótese as participantes do estudo de Leal et al. (2019) que, por se caracterizarem como uma população jovem, demonstraram uma procura maior para realização dos programas, visto que de acordo com os autores, a juventude e a beleza nesse período da vida potencializam essa procura.

Salienta-se, de acordo com os achados de Burbulhan et al. (2012), que a entrada no comércio da prostituição é dada de uma forma diferente para cada mulher, entretanto, a maior parte dessas profissionais iniciam no ramo para garantir o sustento, onde, em sua maioria, questões familiares aparecem como demanda, ressalta-se que com o tempo, a permanência nesse mercado de trabalho acaba sendo justificada pela possibilidade de obter uma renda a mais para sustentar-se e sustentar a casa.

Faz-se imprescindível analisar dentro desse contexto do tempo destinado ao trabalho, questões relacionadas a outras variáveis, como o número de filhos, visto que, ao analisar os achados de Leal et al. (2019) é perceptível que o fator família dentro da realidade das profissionais do sexo é um elemento fundamental para a compressão da dinâmica de qualidade de vida dessas profissionais. Essas variáveis podem ser observadas na Figura 3, os valores atribuídos ao tempo de trabalho são apresentados por um destaque na cor vermelha, em linha paralela ao número de filhos dessas profissionais.

**Figura 2** – Relação entre o tempo de trabalho e número de filhos

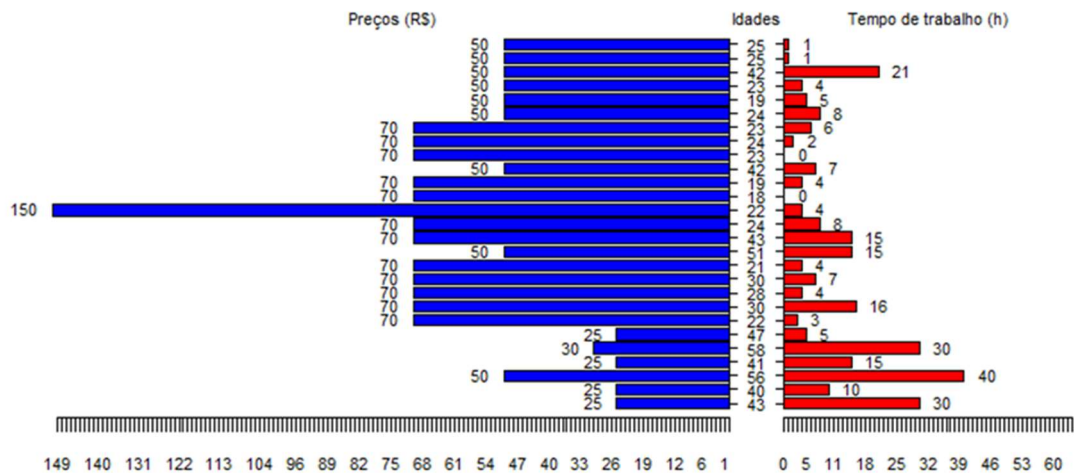


**Fonte:** Elaborada pela autora, 2023.

Nota-se que dentre as participantes dessa pesquisa, 66,7% dessas mulheres são profissionais do sexo há menos de 10 anos. No tocante a quantidade de filhos, variaram entre 0 até 7 filhos, entretanto, 51,8% das profissionais do sexo têm 3 filhos ou mais, enquanto, 48,2% têm até 2 filhos ou não possuem filhos. De acordo com Santos (2011) o exercício do meretrício é visto pelas profissionais do sexo como algo dissociado da maternidade, pois, a forma como a sociedade idealiza a mulher prostituta atinge diretamente na forma que essas profissionais se posicionam diante desse fenômeno familiar, os relatos de sua pesquisa demonstram a dificuldade dessas profissionais em administrar os dois papéis, ser mãe e ser prostituta e para além disso, ser mulher.

Explorando mais a questão do preço do programa, é possível verificar por meio da Figura 3, uma comparação entre a idade dessas mulheres, o tempo de trabalho dentro do mercado da prostituição e os preços estabelecidos pelo programa das profissionais do sexo. Os valores atribuídos ao tempo de trabalho são apresentados por um destaque na cor vermelha, em linha paralela ao preço estabelecido em relação ao programa dessas profissionais.

**Figura 3** –Relação entre preço do programa, idade e tempo de trabalho



**Fonte:** Elaborada pela autora, 2023.

Nota-se que apenas uma participante consegue obter o valor de R\$150,00 pelo programa, observa-se ainda, que sua entrada no mercado de trabalho é também recente, visto que trabalha há 4 anos, ao ser comparado com a realidade de outras participantes, que já trabalham há mais de 10 anos. É possível compreender que as participantes que ingressaram no mercado por 10 anos ou mais, conseguem ter uma média de R\$43,88 por programa, valor este se aproxima do valor médio das profissionais do sexo que trabalham há menos de 10 anos neste mercado, sendo este de R\$65,27. Ademais, é importante salientar que a o tempo de profissão teve alta dispersão entre as participantes, variando de 1 semana e, chegando até 40 anos dentro do ramo do sexo.

Outrossim, é perceptível que quanto mais tempo no mercado de trabalho, menos a trabalhadora do sexo recebe por seu programa, entretanto ressalta-se que essa realidade pode ser apenas um reflexo da amostra dessa pesquisa. Além disso, outros aspectos como o local de trabalho dessas profissionais, na cidade de Campina Grande, podem ter um impacto efetivo no valor atribuído ao programa, pois a prostituição no interior da Feira Central demonstra um quadro de pauperização, sendo o comércio sexual a principal fonte de renda para inúmeras dessas profissionais, enquanto isso, os bordéis localizados nas imediações da Feira Central demonstram estruturas mais confortáveis, sendo mais higienizados e tem maior segurança (SILVA et al. 2010).

Passando agora para o objetivo principal deste trabalho, entende-se que o construto da autoestima pode ser compreendido por diferentes perspectivas, esse estudo se baseia a partir da concepção de Rosenberg (1965), que divide os graus da autoestima em baixa, média e alta. Na concepção desse autor, a baixa autoestima está relacionada às dificuldades e incapacidades que o sujeito tem ao solucionar um problema, a média autoestima está relacionada a alternância entre o sentimento de auto aprovação e auto rejeição. Por fim, a alta autoestima diz respeito ao autojulgamento que o indivíduo faz de si próprio, tornando viável a valorização e o sentimento de competência e autoconfiança. Os itens que formam a Escala de Autoestima de Rosenberg (EA) podem ser observados no quadro 1:

**Quadro 1** – Itens da Escala de Autoestima de Rosenberg

Itens de Avaliação	
1	Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas.
2	Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou.
3	Às vezes, eu penso que não presto para nada.
4	Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas.
5	Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso.
6	Às vezes, eu me sinto inútil.
7	Eu acho que tenho muitas boas qualidades.
8	Eu tenho motivos para me orgulhar na vida.
9	De um modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo.
10	Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo.

Fonte: Sbicigo et al. (2010).

Na análise descritiva da EAR, verificou-se que a média dos escores das participantes foi de 21,06 (DP=4,07), ressalta-se que, de acordo com Sbicigo et al. (2010), quanto maior o escore obtido na escala, maior o nível de autoestima do sujeito. O escore obtido no final da aplicação da EAR demonstra uma autoestima insatisfatória diante da vivência dessas mulheres, dado que, de acordo como Simonetti (1989) uma autoestima abaixo de 30 demonstra ser baixa ou insatisfatória. Evidencia-se também que a amostra dessa pesquisa é apenas um retrato de um universo que pode e deve ser mais investigado dentro da literatura científica. Observa-se, portanto, na Figura 4, os dados obtidos acerca da autoestima das mulheres profissionais do sexo, que participaram dessa pesquisa.

**Figura 4** – Análise dos níveis de autoestima das trabalhadoras do sexo



Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

É perceptível que o maior nível obtido acerca do constructo da autoestima foi o de 28,3, sobressaindo a média geral das participantes (21,6), entretanto, por outro lado também é possível de analisar que o menor nível de autoestima foi o de 13,1, este sendo um valor único

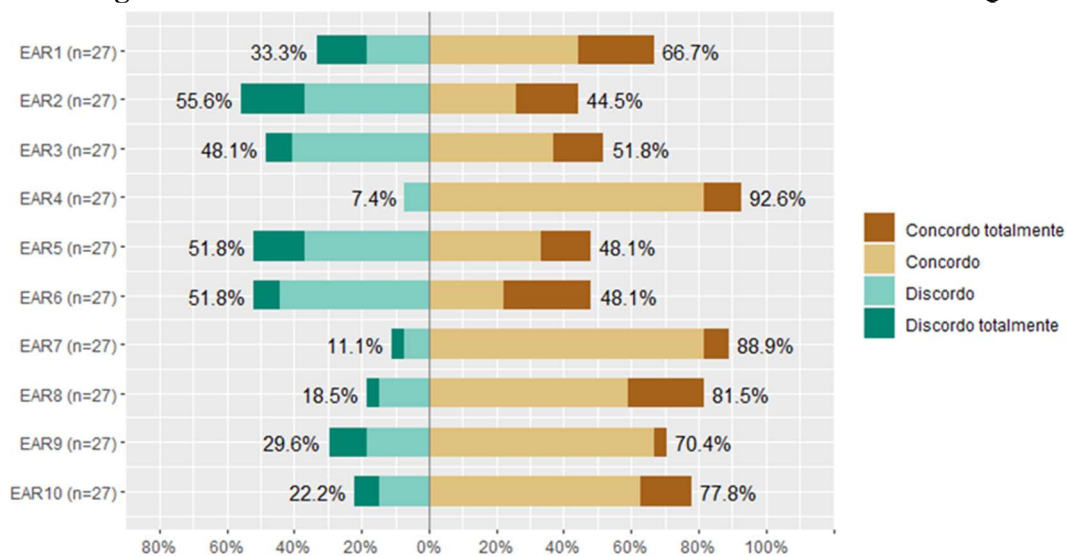


diante do público. Além disso, nota-se que o valor que mais aparece é o de 19,2, seguido de 18,2, correspondendo sucessivamente a 18,5% e 14,8% das participantes.

Ao analisar os resultados percentuais por itens da EAR, podendo ser consultados na Figura 5, observa-se que o item 1: “Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas”, que obtém 66,7% de concordância. A construção do valor diante dessas mulheres é também vivenciada pela lógica mercadológica, dado que, a trabalhadora do sexo também é configurada como um produto diante do restante da sociedade, saber do seu valor transcende qualquer configuração capitalista. De acordo com Russo (2007) a prostituição pode ser pensada enquanto um reflexo do capitalismo, pois, até mesmo valores considerados socialmente positivos, importantes e sagrados, são mercantilizados e envolvidos pela lógica do dinheiro, ao passo que, nesse contexto, a trabalhadora do sexo transcende pois está envolvida em uma série de emoções e sentimentos que permeiam as relações humanas.

O item que mais obtém discordância é o item 2: “Sinto vergonha de ser do jeito que sou”, obtendo 55,6% de discordância podendo, inclusive, contradizer alguns achados da literatura, sobre a trabalhadora do sexo ser uma profissional carregada pela vergonha e pelo estigma. De acordo com Clarindo e Arenari (2022) é preciso atentar-se que o receio dessas mulheres em relação ao nomear-se enquanto trabalhadora do sexo perante a dimensão social, dado que, pode existir a vergonha em exercer essa ocupação. Isso, por vezes, estar conectado com a redução da subjetividade diante da prática sexual considerada dissidente, gerando assim, culpabilização diante das práticas violentas pelas quais a elas são dirigidas, portanto, é reduzir o sofrimento dessas mulheres como algo que acontece devido a elas escolherem determinado caminho, como se fosse dado as devidas oportunidade e o direito a escolher sempre o trabalho que exercem.

**Figura 5**– Percentuais dos itens da Escala de Autoestima de Rosenberg



Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Observa-se que o item 3: “Às vezes, eu penso que não presto para nada” (51,8% de concordância) e o item 6: “Às vezes eu me sinto inútil” (48,1% de concordância) refletem na atitude de pensar que não serve para nada e isso, dentro do contexto da trabalhadora do sexo pode estar associada tanto a lógica de valor atribuída pelo mercado capitalista a essas mulheres, quanto a outros problemas que advém da conjuntura social, como a necessidade de aceitação social, dado que, de acordo com Araújo et al. (2015), a problemática que entorna a aceitação social diante da prostituição enquanto uma prática profissional é o instrumento utilizado para o



trabalho, isto é, o sexo, moralmente falando é uma ferramenta praticamente inaceitável para uma mulher trabalhar.

Nascimento (2007) afirma que a dicotomia feminina construída ao longo do tempo na sociedade, com o intuito de segregar e tipificar a vivência feminina, também faz parte desse conceito, isto é, se faz necessário separar a “mulher de casa” e a “puta”, tendo em vista o controle e disciplina dos corpos. Por isso, a primeira deve se dedicar ao lar e aos filhos, na medida em que a segunda deve ter como princípio a não-valorização, deve ter vergonha do que faz e, para além de tudo, deve ser responsável, unicamente, por dar prazer a figura masculina (ARAÚJO et al., 2015).

É interessante analisar que construção da utilidade da trabalhadora do sexo é destinada a essa manutenção de prazer masculino. Durante o século XX, a prostituta, portanto, se tornou indispensável, dado que o adultério masculino era entendido como necessário ao bom funcionamento do estado e da família, isso faz com que existam dois submundos diante da “boa sociedade”, o mundo do prazer e o da instituição, coexistindo com a função da manutenção das famílias tradicionais no Brasil (DEL PRIORE, 2012). Haja visto essa construção social, observa-se que as trabalhadoras do sexo carregam em si, essa função de coexistir com a utilidade que assim a sociedade moralista destina a elas até os dias atuais.

Observa-se, ainda sim, que o item 4: “Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas”, correspondendo a uma concordância de 92,6%, pode estar direcionado também a outras perspectivas para além da vida profissional da trabalhadora do sexo, visto que, exercer o papel de trabalhadora do sexo no Brasil é uma realidade atravessada por muitas vivências e dificuldades. Dentre essas dificuldades, pode-se citar o próprio contexto de trabalho ou até mesmo a qualidade de vida no geral, portanto, essa ideia de comparar-se com as outras pessoas e dar conta de muitas questões e ainda fazer tudo tão bem como as outras pessoas pode ser um reflexo dos inúmeros papéis, por vezes irreconhecíveis, que essas mulheres exercem na sociedade.

Nesse sentido, compreende-se que a alta demanda social acerca da maternidade, do trabalho e do exercício de ser mulher refletem em estratégias de enfrentamento das trabalhadoras do sexo para lidar com a pressão social, onde a utilização do álcool e de outras drogas é uma das possibilidades para essa questão. O estudo de Aquino et al. (2016) aponta que o ambiente de trabalho e o distrair-se está ligado ao consumo de álcool no contexto da trabalhadora do sexo, para além disso, as atividades de lazer, como festas e idas às praias também se mostram favoráveis ao incentivo do álcool na vida dessas mulheres, os autores ressaltam que o sono é um dos fatores afetados, além de relatos acerca de tentativas de suicídio.

Um estudo realizado em Porto por Teixeira (2011) afirma que, mais de 50% das entrevistadas relatam que conhecem alguém de sua rede que em algum momento tentou suicídio, dentro do contexto familiar dessas mulheres, observa-se que 25% das respondentes têm algum familiar que já tentou o suicídio. De acordo com Teixeira (2011) fatores familiares, dentro do contexto de comportamentos suicidas, é um dos geradores mais significativos para 65,2% das mulheres entrevistadas, sendo estes, ligados a conflitos familiares e filhos.

Faz-se, portanto, uma ressalva importante no item 5: “Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso”, que tem uma discordância de 51,8%, ao mesmo tempo que tem uma concordância de 48,1%. Analisar de fato, a sensação de sentir um fracasso e de onde esse lugar é construído é importante no contexto da trabalhadora do sexo, dado que, algumas variáveis podem estar ligadas a essa sensação, como, a necessidade de corresponder a demanda social (ARAÚJO et al., 2015), a sensação de que não conquistou algo de fato importante na vida, além disso, até mesmo, a autocobrança excessiva de conquistar coisas que não estão no seu controle.

Achados de Benoit et al. (2017) afirmam que o estigma dentro do contexto das trabalhadoras sexuais aparece como um ponto importante a ser analisado no contexto da autoestima, indo além da introjeção daquilo que é percebido através do externo, os autores

afirmam que as trabalhadoras do sexo que mencionaram autenticidade negativa pontuaram mais na percepção do estigma do que aquelas que não o mencionaram. A autenticidade seria, portanto, um reflexo de si mesmo, envolvendo assim, comportamentos que estão relacionados com o autoconhecimento e que refletem na orientação que se tem para o outro (GOUVEIA, 2016). No que diz respeito ao item 7: “Eu acho que tenho muitas boas qualidades” e ao item 8: “Eu tenho motivos para me orgulhar da vida”, podem se encaixar nesse contexto de autenticidade. O item 7 tem como resultado 88,9% de concordância, enquanto o item 8 tem 81,5% de concordância.

Ressalta-se, dessa maneira, que mesmo diante do estigma direcionado as profissionais do sexo, é preciso compreender que o contexto de existência dessas mulheres está para além disso, são acima de tudo, mulheres que exercem uma profissão, que perante o restante da sociedade é marginalizada. Portanto, é preciso entender que mesmo que a vergonha diante da profissão seja algo que possa existir (CLARINDO, ARENARI, 2022), é preciso atentar-se para a vida dessas mulheres para além do trabalho, ou seja, analisar as conquistas pessoais, as relações sociais, o contexto de vida e até mesmo a inserção da família na vida dessas mulheres, dado que, os itens 7 e 8 podem estar relacionados também a esses aspectos.

É passível de observar que o item 9: “De um modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo”, apresenta uma concordância de 70,4%, sendo, portanto, contraditório com o que é observado na sensação de sentir-se um fracasso, portanto, esse fracasso pode estar relacionado com as expectativas sociais, familiares, profissionais ou até as necessidades terceirizadas de outras pessoas e que são direcionadas a essas trabalhadoras do sexo.

Ressalta-se que, a autoestima é um dos fatores que pode estar em consonância ao ambiente da pessoa que ali existe, sendo, portanto, um fator que pode estar relacionado ao desenvolvimento de possíveis transtornos mentais. Nesse sentido, o estudo de Ouma et al. (2021) afirma que o Transtorno Depressivo Maior se apresenta na vivência da trabalhadora do sexo sendo influenciado por algumas variáveis sociais, que estão entrelaçadas e relacionadas com o trabalho sexual em si, como por exemplo, a presença de estressores psicossociais, viver com HIV, abuso verbal de clientes e a idade avançada.

Além disso, observa-se através do estudo de Vidal et al. (2014) que a ocorrência de prováveis Transtornos Mentais Comuns (TMC) foi maior nas mulheres profissionais do sexo com baixa escolaridade, também nas mulheres que sofreram violência física e naquelas que ingressaram mais cedo na profissão, indicando que o fator sociodemográfico atrelado ao contexto de saúde mental, na vida dessas mulheres é de extrema importância. Para além disso, Villar (2020) afirma que o estigma direcionado a essas mulheres trabalhadoras do sexo é um elemento potencial para a cronificar o transtorno depressivo maior, o transtorno de estresse pós-traumático ou até mesmo os transtornos que são relacionados ao abuso de substâncias. Além disso, a autora salienta que o estigma se configura na repercussão da solidão e na autoimagem do desempoderamento, sendo atravessado pela culpa e pela concepção de que é merecido sofrer de tal maneira.

Observa-se que o item 10: “Eu tenho uma atitude positiva em relação a mim mesmo”, apresenta uma concordância de 77,8%. Dentro dessa lógica, Barbosa et al. (2019) concluíram, em seus estudos, que a vivência da trabalhadora do sexo em relação ao autocuidado está, por vezes, centrada apenas no autocuidado da saúde sexual e reprodutiva. Entretanto, é preciso estar para além disso, dado que reduzir a perspectiva do autocuidado apenas a essa esfera, é reduzir consequentemente, as possibilidades de enxergar a saúde da mulher de maneira integral.

É perceptível diante do exposto que o construto da autoestima é interligado com questões que estão para além do sujeito, isto é, nota-se que há um alinhamento da autoestima com alguns aspectos de ordem social, incluindo, o estigma por trabalhar dentro do contexto da prostituição, o contexto familiar acobertado pela vergonha, a idade e o envelhecimento como

algo simbólico da subjetividade nesse contexto e, também, os próprios aspectos sociodemográficos traçados pelo contexto único dessas mulheres.

Para além disso, ressalta-se que o contexto sócio-histórico-cultural desenvolve um aspecto importante na constituição da vida dessas mulheres, principalmente, pelos marcadores que estão além do contexto do trabalho, como é o caso da perspectiva de gênero ou de ser mulher. Ressalta-se que a necessidade de se enquadrar e ser aceita diante do social também aparecem como resquícios dessa formação sócio-histórica-cultural.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo possibilitou analisar de forma descritiva o construto da autoestima, sendo possível de inferir que a autoestima das trabalhadoras do sexo pode estar associada com alguns aspectos, como o estigma social diante da profissão. Além disso, foi possível de inferir que a vivência de outras questões que permeiam a vida dessas mulheres, como, a maternidade, a família, a idade, dentre outros aspectos sociodemográficos são constituintes no que tange a conceitualização da autoestima. É possível inferir também que, questões sociais, que adentram na relação de gênero, também podem atingir essa idealização da autoestima para essas profissionais. Ademais, percebeu-se que apesar de apresentarem alta concordância nos itens que fazem uma avaliação positiva da autoestima, a média da autoestima dessas mulheres ( $M = 21,06$ ;  $DP=4,07$ ) demonstra ser baixa.

É importante salientar algumas limitações deste estudo, dentre elas, destaca-se que, até a construção desta pesquisa, nenhum estudo no Brasil realizou a aplicação dessa escala para o público das profissionais do sexo, então, é possível questionar a sua validade para as participantes em questão. Além disso, nem sempre as participantes da pesquisa se dispunham a responder diretamente os instrumentos de pesquisa ou não tinham um grau de instrução de leitura suficiente para compreendê-los, fazendo com que os instrumentos fossem lidos individualmente, o que pode ter impactado nas respostas fornecidas. Além disso, observa-se que devido a essa pesquisa ser realizada nos locais onde era exercida a prostituição, nem sempre as participantes prestavam atenção de fato ao que estava sendo perguntado ou, por vezes, enviesavam a resposta de forma a corresponder às expectativas das pessoas que por ali passavam.

Salienta-se também que a natureza não-aleatória da escolha do público também reduz os índices de generalização. Sugere-se, a realização de novos estudos que aprofundem cada vez mais a vivência desse público, principalmente, estudos que analisem de forma mais profunda a relação da autoestima com aspectos sociodemográficos. Outra ressalva é em relação a escolha do instrumento utilizado, pois é preciso que outros estudos se aprofundem de maneira mais precisa no que tange a vivência da autoestima para essas mulheres, possibilitando até mesmo na própria validação desse instrumento para esse público.

#### REFERÊNCIAS

AQUINO, P. S.; NICOLAU, A. I. O.; PINHEIRO, A. K. B. Desempenho das atividades de vida de prostitutas segundo o Modelo de Enfermagem de Roper, Logan e Tierney. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 64, n.1, p. 136-144, 2011.

ARAÚJO, L. B.; BANDEIRA, M. C. L.; SILVA, T. L. C. V. Prostituição de luxo: gênero, trabalho e sociabilidade na cidade de Belém. **PEGADA- A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 16, n. 2, p. 364-377, 2015.

BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010.

BENOIT, C.; SMITH, M.; JANSSON, M.; MAGNUS, S.; FLAGG, J.; MAURICE, R. Sex work and three dimensions of self-esteem: Self-worth, authenticity and self- efficacy. **Culture, health & sexuality**, Londres v. 20, n. 1, p. 69-83, 2018.

BRASIL, Ministério do Trabalho. **Classificação de Ocupação Brasileira**. Disponível em: < <http://portal.mte.gov.br/portal-mte/>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BURBULHAN, F.; GUIMARÃES, R. M.; BRUNS, M. A. T. Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 4, p. 669-677, 2012.

CLARINDO, A. O.; ARENARI, R. W. Máquinas de guerra e precariedade: saúde mental de prostitutas em meio à pandemia do Novo Coronavírus. **Mnemosine**, v. 18, n. 1, p. 119-137, 2022.

COUTO, P. L. S.; GOMES, A. M. T.; PORCINO, C.; RODRIGUES, V. V.; VILELA, A. B. V.; FLORES, T. S.; SUTO, C. S.S.; PAIVA, M. S. Entre dinheiro, autoestima e ato sexual: Representações sociais da satisfação sexual para trabalhadoras sexuais. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 22, n.1, p.1-8, 2020.

ELIAS, A. R. R.; JUNQUEIRA, M. A. B.; NORONHA, I. C.; PEREIRA, J.; GIULIANI, C. D.; FERREIRA, M. C. M. Vulnerabilidades e marginalização no mundo do trabalho e prostituição. **Cad Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 31, n. 2, p. 301-31, 2018.

FELICISSIMO, F.; FERREIRA, G. C. L.; SOARES, R. G.; SILVEIRA, P. S.; RONZANI, T. M. Estigma internalizado e autoestima: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 116-129, 2013.

GOUVEIA, T. L. C. **O papel da autenticidade na vinculação e na prestação de cuidados nas relações românticas adultas**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade do Porto, Porto, 2016.

HUTZ, C. S.; ZANON, C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 41-49, 2011.

LEAL, C. B. M; PORTO, A. O.; RIBEIRO, M. S.; OLIVEIRA, K. N.; SOUZA, D. A.; RIOS, M. A. Aspectos associados a qualidade de vida das profissionais do sexo. **Rev enferm UFPE on line.**, v. 13, n. 3, p. 560-569, 2019.

MELO-BARBORSA, O., CASTAÑEDA-SÁNCHEZ, K.; PEÑA-ORTIZ, E.; PRECIADO-MÉNDEZ, K.E. Prácticas promotoras del autocuidado de la salud. de mujeres en ejercicio de prostitución Bogotá Colombia. **Hacia la promoción de la salud**, v. 24, n. 2, p. 60-74, 2019.

MEURER, S. T.; LUFT, C. B.; BENEDETTI, T. R.; MAZO, G. Z. Validade de construto e consistência interna da escala de autoestima de Rosenberg para uma população de idosos brasileiros praticantes de atividades físicas. **Motricidade**, Vila Real, v. 8, n. 4, p. 5-15, 2012.

NASCIMENTO, U. A. **O doce veneno da noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2007.

OUMA, S.; TUMWESIGYE, N. M.; NDEJJO, R.; ABBO, C. Prevalence and factors associated with major depression among female sex workers in post-conflict Gulu district: a cross-sectional study. **BMC public health**, v. 21, n. 1, p. 1-10, 2021.

PRETO, V. A.; FERNANDES, J. M.; SILVA, L. P.; REIS, J. O. L.; SOUSA, B. O. P.; PEREIRA, S. S.; SAILER, G. C.; CARDOSO, L. Transtornos Mentais Comuns, Estresse e Autoestima em universitários da área da saúde do último ano. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 8, p. e844986362-e844986362, 2020.

ROSENBERG, M. **Society and the adolescent self image**. 1ª ed. Princeton: Princeton University Press, 1965.

ROSENBERG, M.; SCHOOLER, C.; SCHOENBACH, C.; ROSENBERG, F. Global self-esteem and specific self-esteem: Different concepts, different outcomes. **American sociological review**, Chicago, p. 141-156, 1995.

RUFINO, M. M.; LIMA, H. L. B. P. A (IN) visibilidade da luta das prostitutas pelo reconhecimento do direito fundamental ao trabalho. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 43613-43628, 2020.

RUSSO, G. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. **Caderno CRH**, v. 20, n. 51, p. 497-514, 2007.

SANTOS, V. G. **Prostitutas mães e a educação de seus filhos: corpo, cena e discurso no Centro de Fortaleza-CE**. 2011. 65f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SILVA, E. F.; COSTA, D. B.; NASCIMENTO, J. U. O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade. **Psicologia: teoria e prática**, v. 12, n. 1, p. 109-122, 2010.

SIMONETTI, V. M. M. **Revisão crítica de algumas escalas psicossociais utilizadas no Brasil**. 1989. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1989.

SOARES, J. F. S.; SANTOS, L. C.; CARDOSO, J. P.; NEVES, L.; BATISTA, E. C. A prostituição como profissão: uma análise sob a ótica das profissionais do sexo. **Rev. Saberes**, Rolim de Moura, v. 3, n. 2, p. 63-75, 2015.

TEIXEIRA, J. A. C. **Ideação suicida em prostitutas de rua**. 2011. Dissertação (Mestrado em Medicina Legal) – Universidade do Porto, Porto, 2011.

VIDAL, C. E. L.; AMARA, B.; FERREIRA, D. P.; DIAS, I. M. F.; VILELA, L. A.; FRANCO, L. R. Preditores de prováveis transtornos mentais comuns (TMC) em prostitutas utilizando o Self-Reporting Questionnaire. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 63, n. 3, p. 205-212, 2014.

VILLAR, C. El impacto psicológico del estigma de prostituta. **Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades**, v. 4, n. 08, p. 152–172, 2020.

## APÊNDICE A

Prezada, essa pesquisa tem como objetivo analisar a autoestima de um grupo de trabalhadoras do sexo, o qual você faz parte. Além disso, verificar os dados sociodemográficos, buscando fazer as possíveis relações com o construto da autoestima. A sua participação contribuirá na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia (TCC) de Leonara Vitória Brito Oliveira, estudante do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, sob orientação de José Andrade Costa Filho. Asseguramos assim, o total sigilo das informações expressas nessa pesquisa, por isso, iremos ficar imensamente gratos que você seja honesto enquanto as informações. Agradecemos a sua participação.

### QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1. Qual a sua idade? \_\_\_\_\_
2. Você se identifica como (Raça/ Cor pele):  
Branca Parda Preta Amarela Indígena Sem resposta
3. Qual a sua orientação sexual?  
 Heterossexual  Homossexual Bissexual  Assexual Pansexual  
Outra: \_\_\_\_\_
4. Qual o seu estado civil?  
Solteira União estável Casada Separada/Divorciada Viúva
5. Você estudou até que ano?  
Não frequentou escola Ensino Fundamental Incompleto Ensino Fundamental Completo Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo Ensino Superior Incompleto Ensino Superior Completo
6. Qual a sua média de renda pessoal? \_\_\_\_\_
7. Você é praticante de alguma religião? \_\_\_\_\_ Se sim, você se identifica é...  
 Católica  Protestante Ateu Testemunha de Jeová Agnóstica  
 outra: \_\_\_\_\_
8. Quantos filhos você tem? \_\_\_\_\_
9. Há quanto tempo você exerce a prostituição? \_\_\_\_\_
10. Qual a média do preço do seu programa? \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B

### ESCALA DE AUTOESTIMA DE ROSENBERG

Agora, gostaríamos de saber um pouco mais sobre a sua autoestima. Por favor, responda a TODAS as perguntas simplesmente marcando as respostas que, em sua opinião, mais se aproximam ao que sente ou tem sentido.

**1. Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas.**

- Discordo totalmente  
 Discordo  
 Concordo  
 Concordo totalmente

- Discordo totalmente  
 Discordo  
 Concordo  
 Concordo totalmente

**2. Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou.**

- Discordo totalmente  
 Discordo  
 Concordo  
 Concordo totalmente

- Discordo totalmente  
 Discordo  
 Concordo  
 Concordo totalmente

**3. Às vezes, eu penso que não presto para nada.**

- Discordo totalmente  
 Discordo  
 Concordo  
 Concordo totalmente

- Discordo totalmente  
 Discordo  
 Concordo  
 Concordo totalmente

**4. Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas.**

- Discordo totalmente  
 Discordo  
 Concordo  
 Concordo totalmente

- Discordo totalmente  
 Discordo  
 Concordo  
 Concordo totalmente

**5. Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso.**

- Discordo totalmente  
 Discordo  
 Concordo  
 Concordo totalmente

- Discordo totalmente  
 Discordo  
 Concordo  
 Concordo totalmente

**6. Às vezes, eu me sinto inútil.**

**7. Eu acho que tenho muitas boas qualidades.**

**8. Eu tenho motivos para me orgulhar na vida.**

**9. De um modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo (a).**

**10. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo (a).**

## ANEXO A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a),

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: Autoestima e bem-estar: Uma análise das trabalhadoras do sexo de Campina Grande-PB, sob a responsabilidade de: Leonara Vitória Brito Oliveira e do orientador José Andrade Costa Filho, de forma totalmente voluntária. Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Portanto, leia atentamente as informações que seguem. Espera-se que os resultados possam ser de grande auxílio a todo o âmbito de pesquisas que remetem à temática da autoestima e da saúde em geral, promovendo, assim, novas visões e perspectivas sobre tal assunto, além de possíveis debates acerca das profissionais do sexo, tendo em vista as diversas vivências sociais ou subjetivas que são invisibilizadas, tanto na área da saúde, quanto na garantia de Direitos Humanos. Objetivando, além disso, a replicação de novos estudos no âmbito acadêmico direcionados a esse público em específico.

Os riscos da pesquisa são considerados mínimos, tendo em vista que, o desenvolvimento desta é através da aplicação da Escala de Autoestima de Rosenberg e de um questionário sociodemográfico. Salienta-se que estes instrumentos não serão avaliativos para diagnóstico e isso será comunicado aos participantes. Devido ao momento pandêmico da COVID-19, os riscos do participante contrair o vírus são inerentes, bem como o risco de exposição dos pesquisadores. Logo, faz-se preciso destacar que em caso de desconforto do participante ou em relutância a não participação, será respeitado esse espaço de direito do participante, os pesquisadores podendo responder ao que é atribuído como consequência na Resolução No. 466/12. No que tange a condição ética dos pesquisadores, caso aconteça algum descumprimento com tal postura, os participantes da pesquisa poderão recorrer legalmente para serem sanados a tais condições, respeitando as diretrizes éticas da Resolução 466/2012. Além disso, em caso de eventuais danos decorrentes da realização desta pesquisa, será garantido ao participante a indenização, de acordo com a Resolução No. 466/12 iv.3 h.

Aos resultados promovidos através desta pesquisa poderão ser utilizados para além do escopo acadêmico, atingindo, dessa forma, pesquisadores, estudiosos ou não da área, além da população interessada e abordada da pesquisa. Ademais, beneficiará, também, à formação e desenvolvimento da docente do curso de Psicologia, na linha de pesquisa da sexualidade, sendo imprescindível destacar as contribuições tanto na dimensão humana quanto nas que se relacionam às pesquisas e produções acadêmico-científicas, como resumos e artigos, nesta área de pesquisa.

A partir dos resultados da pesquisa e das reflexões concebidas acerca do tema principal da pesquisa, é de caráter positivo a ampliação dos estudos sobre área, o que também irá permitir uma melhor divulgação e expansão de medidas auxiliadoras para as travestis que trabalham no ramo do sexo, levando em consideração que a execução desta pesquisa poderá facilitar o resgate da vivência dessas profissionais, no que diz respeito a contribuir para uma melhor percepção da sexualidade e conseqüentemente, na sua cidadania.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução No. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O voluntário poderá recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer fase da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo.



O participante terá assistência e acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa de acordo com Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. Os dados individuais serão mantidos sob sigilo absoluto e será garantida a privacidade dos participantes, antes, durante e após a finalização do estudo. Será garantido que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas. (Res. 466/2012, IV. 3. g. e. h.)

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com José Andrade Costa Filho ou Leonara Vitória Brito Oliveira, através dos telefones (83)98810-1103, (81)994524595 ou através dos e-mails: joacofi@uol.com.br, leonanz@outlook.com. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2o andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, Telefone (83) 33153373, e-mail: cep@setor.uepb.edu.br e da CONEP (quando pertinente).

Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa “Autoestima e bem-estar: Uma análise das trabalhadoras do sexo de Campina Grande-PB” e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu \_\_\_\_\_ autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

DOU MEU CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAR DA PESQUISA

AUTORIZO A GRAVAÇÃO DA MINHA VOZ

NÃO AUTORIZO A GRAVAÇÃO DA MINHA VOZ

Campina Grande, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

## AGRADECIMENTOS

Fechar o ciclo da graduação significa muito em minha vida, principalmente, por saber das minhas origens, por saber das minhas dificuldades e, por reconhecer às vezes que senti que não conseguiria.

Por isso, agradeço às minhas mães, Erika, Afra, Bia, Mazé, Lita e Livramento (*in memoriam*), por todo suporte necessário na minha criação, sem vocês nada disso seria possível. A minha mãe, Erika, pelo cuidado, suporte, apoio, compreensão, você é a mulher mais incrível que eu conheci. A minha mãe-vó, Afra, que com seu jeitinho me mostrou que não devemos desistir jamais daquilo que acreditamos. A minha mãe-bisavó, Bia, que com seu amor e beijo me curou de dias ruins. A minha mãe-tia, Mazé, que cuidou, abraçou e ofereceu todo suporte nessa caminhada. A minha mãe-tia, Lita, que me mostrou que com uma dança, podemos arrancar sorrisos da vida. A minha mãe-tia, Livramento, que se foi desta vida, mas é impossível sair de minha memória, porque foi ela que me ofereceu casa e aconchego.

Agradeço imensamente ao meu irmão, por se mostrar parceiro de risadas inesquecíveis nessa caminhada. Aos meus tios Dain, Rael, Dezinho, Edjane, Elba, Ananias e Marcos. Aos meus primos que sempre que precisei estavam lá com “Narinha”, essa conquista é nossa, Ciada, Dudu, Galeguinho, Lia Leal e Teteu.

Ao meu namorado, Arthur Diogo e sua família, que se mostraram pacientes, compreensivos e acima de tudo, incentivadores de meus sonhos. Obrigada Arthur por segurar minha mão e acreditar que é possível ganhar o mundo ao seu lado.

À Universidade Estadual da Paraíba – *Campus I* e a todos os professores e psicólogos éticos que eu tive o prazer de conhecer e aprender nessa caminhada, ali firmei meu “segundo lar”. Agora posso finalmente dizer que vocês serão meus parceiros de profissão, a vocês: Clésia Pachú, Edivan Gonçalves, Emily Gaião, Edwirde Luiz, Felipe Ricardo, Josevânia Silva, Juliana Gama, Luann Glauber, Viviane Alves.

É praticamente impossível mencionar esses espelhos de profissionais, sem falar de José Andrade Costa Filho, meu professor e meu orientador, o qual segue me acompanhando desde o segundo período do meu curso. Obrigada pela disposição, pelo afeto e pelo companheirismo em todos os momentos. Sem você isso não seria possível.

Agradeço também aos profissionais que me incentivaram na realização dessa pesquisa, Milene Ferreira e Agnaldo Batista, sem vocês, eu não teria chegado aonde cheguei. Além disso, agradeço a todas as mulheres trabalhadoras do sexo, que me ajudaram não só a coletar dados, mas que me deixaram conhecer um pouco do universo de vocês e, sem dúvidas, embarcar em momentos únicos de muita troca e compreensão.

Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela oportunidade de ser bolsista duas vezes através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), foi de extrema importância para a minha formação profissional, para além disso, para a minha formação enquanto pessoa.

Gostaria também de agradecer ao meu grupão do Curso, as minhas meninas: Atamar Evelyn, Clara Tavares, Fábiana Juliana, Francielly Albuquerque, Jakelline Mikellen, Jamile Ferreira, Maria Isabel, Mariana Alves, Mayara Barros e Sarah Meira, sem a ajuda de vocês, sem o apoio e o ombro amigo, não aguentaria todo o fardo sozinha. Vocês são extremamente importantes para mim.

Agradeço aos meus amigos de longas datas, Davi, Kananda, Ronise, Sarinha, Victoria, Vinicius e Yasmin por crescerem juntos comigo. Por acreditarem em mim, quando não acreditei. Por puxar minhas orelhas para buscar sempre melhorar na vida.

Por fim, e não menos importante, a Deus, por ser meu companheiro nos meus momentos mais difíceis. À Nossa Senhora das Graças, por se fazer presente comigo quando precisei e quando me senti sozinha nesse mundo.